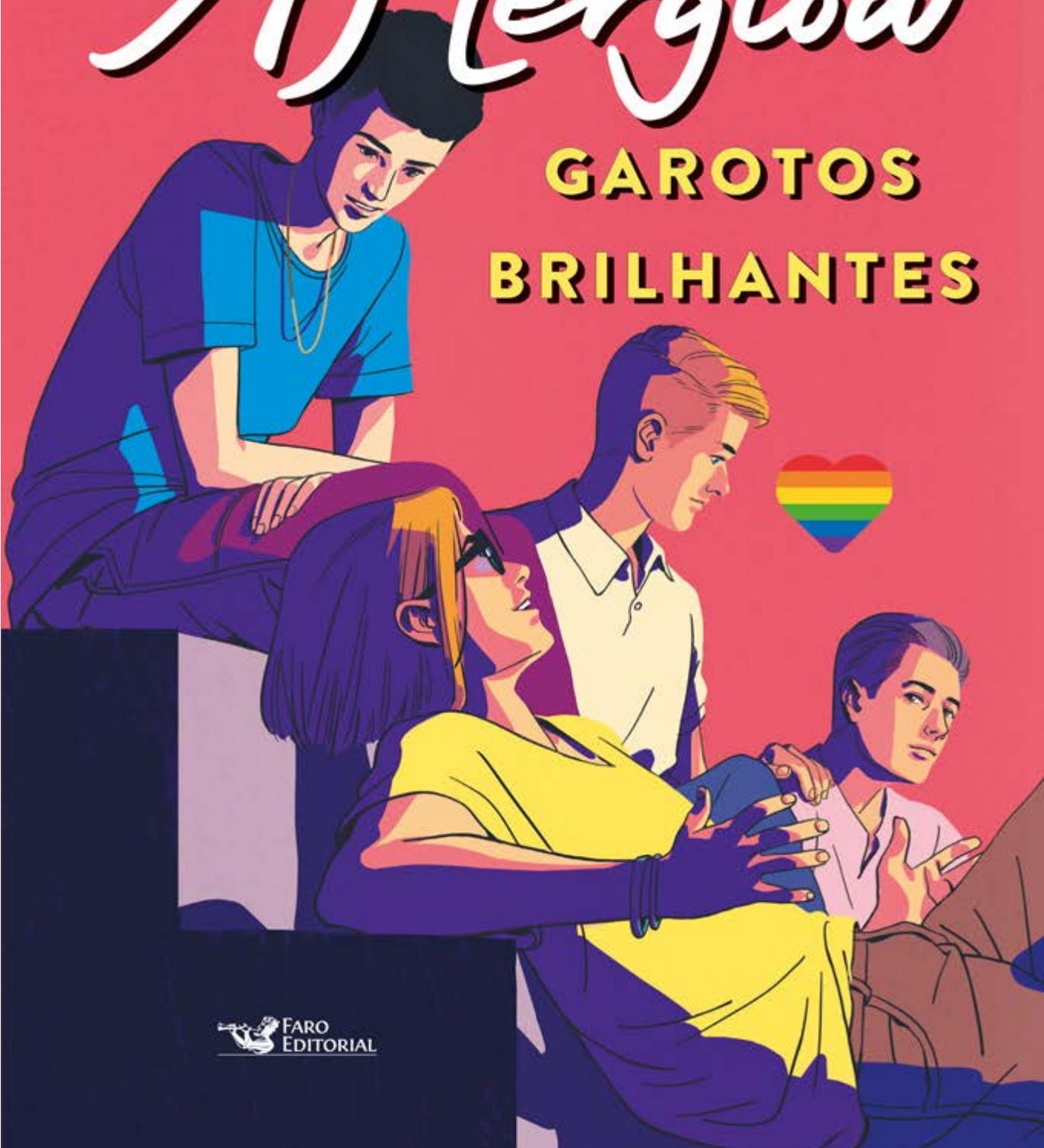


PHIL STAMPER

Afterglow

**GAROTOS
BRILHANTES**



PHIL STAMPER

Tradução Sandra Martha Dolinsky

Afterglow

**GAROTOS
BRILHANTES**



• A história até agora •

GABRIEL + HEATH + REESE + SAL

Hora da atividade!!!!

Correndo o risco de ser sentimental demais... digam uma rosa e um espinho do verão.

G

owwnn, gabriel tá ficando sentimental!!!

espinho: voltar de Daytona para um apartamento novo, a conclusão do divórcio dos meus pais e não morar mais na praia

H rosa: voltar de Daytona com um namorado gostoso

(você, reese)

(caso eu precise deixar claro)

também! me reconectar com a minha prima diana foi ótimo

para ser justo, você beijou vários garotos na Flórida, né, então valeu aí por deixar claro 😊

R Esse é meu espinho. Mas teve muitas rosas... adorei aprender a costurar, acho que meus designs ficaram bem melhores em Paris e... tive a chance de morar em Paris, que é, falando sério, a cidade mais legal das que a gente visitou.

Ei, mas Boston foi divertido! Minha rosa foi descobrir que sou capaz de fazer amigos que não são vocês. Eu não sabia que era hahahaha. Meu espinho foi voltar, e ainda faltam seis meses e meio meses para eu descobrir se entrei na faculdade estadual de Ohio.

G

S Pró: Descobri que gosto mesmo de política... mas não só da política da capital. Contra: Meu colapso impressionante.

H são rosas e espinhos, não prós e contras

você não sabe brincar

A rosa bônus é que ainda somos amigos depois de um verão maluco desse. Mas é um espinho também, porque a gente não manteve muito contato.

G

E isso meio que me assusta, já que este provavelmente vai ser nosso último ano morando na mesma cidade... para sempre.



REESE

Outubro sempre foi meu mês favorito. A mudança se insinua ao meu redor — a brisa fica um pouco mais fria, as árvores mudam de cor, minhas alergias finalmente diminuem e a temporada de futebol do ensino médio começa a todo vapor.

Tá, tá bom. Na verdade quem curte isso mesmo é Heath. Para mim, representa o início da temporada de eventos esportivos com cantina, quando posso comer batata frita com queijo toda sexta à noite.

Depois do verão em Paris, voltei com novas e estranhas responsabilidades. Como guru geral de arte, já me encarregaram de criar o design do baile deste ano. Tenho matérias novas também, uma mais desafiadora do que a outra. Além disso, pela primeira vez na vida, carrego o título de namorado.

Sou o namorado de alguém, penso enquanto visto uma blusa grossa de tricô. *Sou o namorado* de Heath!

Lá fora, ouço o barulho do cascalho seguido de três buzinas agudas — é o código de Heath para *te amo*. Mais especificamente, para “te amo, mas não vou até a porta buscá-lo”.

Coloco os óculos de sol, digo tchau para mamãe e mami e saio pela porta, rumo ao sol poente.

No instante em que entro na caminhonete, sinto o cheiro do desodorante de Heath, e sei que, se estivesse em pé, meus joelhos tremeriam. É maravilhoso, ridículo e perigoso o poder que esse garoto perfeito tem sobre mim.

— *Mi amor* — diz ele, com um péssimo sotaque francês, em vez de oi.

Morrendo de vergonha alheia, digo:

— Acho que você quis dizer *mon amour*.

Ele se encolhe e diz:

— Ah, é. É isso que eu ganho por tentar impressionar meu namorado viajado.

— E *ainda assim*, continuo atraído por você — digo, lançando uma ponta do cachecol sobre o ombro.

Vamos indo para a escola desse jeito: fazendo piadinhas internas e dizendo coisas em nosso próprio idioma que não fariam o menor sentido para quem ouvisse. Dois meses depois, tudo com Heath ainda me parece novo e provisório, mas ao mesmo tempo antigo e seguro.

Olho para ele, mas seus olhos estão fixos na rua.

— No que está pensando? — pergunta ele.

— Sinceramente? Que ainda não parece real nós dois juntos. — Fico em silêncio por um instante. — Mesmo depois de tanto tempo.

Ele para a caminhonete e me agarra com suavidade por baixo do braço. Inclina-se enquanto me puxa, e nossos lábios se encontram. É um beijo rápido, mas firme também. E me diz uma coisa: *estou aqui e não vou embora*.

— Isso pareceu real? — pergunta ele.

Meus lábios ainda formigam.

— Está parecendo mais real a cada segundo — respondo.

— Ótimo — diz ele, abrindo um sorriso radiante.

Seguimos o resto do caminho quase em silêncio, até que vamos nos aproximando da escola. Pelas janelas abertas da caminhonete ouço ecos fracos de nosso grito de guerra sendo tocado pela banda e, quando entramos no estacionamento, ouço a comoção da multidão. Absorvo a energia deles e minha frequência cardíaca dispara de empolgação.

Gabriel, Sal, Heath e eu andamos muito ocupados desde o início do ano letivo. Heath com a musculação, Gabriel com seu novo Grupo de Defesa dos Direitos LGBTQ+ e Sal com o conselho estudantil, por isso, em alguns dias, até nosso grupo de conversa fica em silêncio.

Mas no jogo de reencontro desta noite, nós quatro seremos inseparáveis.

. . .

Heath e eu entramos no campo de mãos dadas, e observo atentamente os arredores. Em Paris, ninguém olharia para nós, mas aqui em Gracemont, Ohio... As coisas são meio diferentes.

Passamos por um monte de pessoas, pais que conheço, antigos professores... dou até um sorriso educado para a zeladora do ensino médio. Ela olha para nossas mãos dadas antes de olhar para meu rosto, e quando sinto minha respiração ficar presa na garganta, ela me dá um olhar que só pode ser interpretado como: "*Ulalá!*".

Fico vermelho e conduzo Heath para as arquibancadas.

— O pessoal está ali, mas já, já alcanço vocês — diz Heath, andando para trás e apontando para alguns amigos do beisebol. — Vou dar um oi para eles primeiro. Quer que eu traga alguma coisa da lanchonete quando voltar?

Batatas fritas com queijo, respondo mentalmente. Mas aí, lembro que se eu comer agora, também vou comer no terceiro tempo, quando começar a ficar entediado, e minha barriga vai doer.

— Só uma Sprite? — digo, pouco convincente.

Ele semicerra os olhos.

— Tá bom. Batatas fritas com queijo e uma Sprite chegando.

Vou até as arquibancadas, e a brisa fresca em minha mão que acabou de soltar a dele meio que me deixa com saudade de Heath. Sacudo a cabeça. Depois de querer tanto, ter alguém confunde a cabeça da gente, e ingo meu cérebro bobo por ser tão clichê.

— Reese! — grita Gabriel enquanto desce os degraus com o celular na mão.
— Dá um oi para Matt!

Meio desorientado, eu me inclino contra a cerca de arame, forço um sorriso e aceno para o sujeito do outro lado da ligação por vídeo.

— Sal está lá em cima — diz ele. — Já volto, o sinal está péssimo.

Atravesso a multidão e finalmente vejo Sal, com cara de tédio, navegando em alguma rede social. A luz do celular se reflete suavemente no rosto dele. Passo por alunos do primeiro ano, me sento ao lado dele e o cutuco de leve com o ombro.

— Oi, Reese — diz ele. — Cadê o Heath?

— Com os amigos do beisebol — digo. — Por que Gabriel escolheu justo agora para ligar para o namorado?

— Porque estão apaixonados — diz Sal, e sacode a cabeça.

Ficamos sentados ali, sem conversar direito, só rolando a tela do Instagram. Todo mundo está vestindo moletons da escola, jaquetas do time ou a rara combinação de camiseta e shorts do adolescente do meio-oeste que jura que “nunca sente frio”. Mas Sal está de camisa e calça, e eu de jeans e com um suéter fashion.

— Já teve a impressão de que não nos encaixamos aqui? — pergunto por fim. Ele suspira.

— Todo santo dia.

Ficamos sentados em silêncio depois disso, enquanto a multidão ao nosso redor ganha vida. Acompanhamos os movimentos: ficamos em pé quando toca o hino nacional e torcemos quando nosso time recebe o pontapé inicial e avança em direção à linha de 40 jardas, cantando o grito de guerra.

Até que Sal me cutuca. Vejo um sorriso em seu rosto quando me viro, mas seu olhar está focado em algo distante. Gabriel e Heath, rindo, abrem caminho pela multidão para chegar até nós, com refrigerantes gigantes e tantas batatas fritas com queijo que estão quase caindo de suas mãos.

Sentam-se ao nosso lado e, por mais “estranho” que tenha me sentido minutos atrás, eu me sinto em casa quando Heath me entrega meu refrigerante e passa o braço por meus ombros. Gabe instantaneamente conta que sua irmã conseguiu entrar com bebida em um jogo da faculdade estadual de Ohio, e nós ouvimos atentamente entre mordidas e a obrigatória torcida aleatória.

Durante tantos anos, nós quatro rejeitamos de propósito atividades como esta, mas agora que nossos dias aqui estão contados, é como se tivéssemos o desejo de aproveitar ao máximo este ano.

Gabriel e Sal riem tão alto de alguma coisa que estão começando a lacrimejar. Enquanto isso, Heath tenta me dar batatas fritas com queijo na boca e pinga um pouco em meus lábios — talvez de propósito —, e aproveita a desculpa para me beijar até limpá-los.

Muitas coisas mudaram neste verão, mas nós quatro retomamos o ritmo que tínhamos desde a pré-escola. Posso me sentir deslocado em Gracemont, Ohio, mas bem aqui, cercado por meus amigos, fico me perguntando como pude um dia sentir que este não era meu lugar.



HEATH

O jogo de futebol na volta às aulas é sempre um dos meus eventos favoritos, principalmente porque é a única vez que consigo convencer *todos* os outros a ir em um evento esportivo. Mas, este ano, nem precisei tentar convencê-los. Não é difícil fazer Reese participar de qualquer evento que tenha uma lanchonete, mas este ano é diferente. Será que foram os meses longe de Gracemont que os fizeram sentir falta de tudo isso?

A atmosfera está elétrica e parece que toda a comunidade de Gracemont está aqui. É passo o máximo do tempo que posso com o braço em volta dos ombros de Reese.

Sim, eu sei que o futuro está chegando como um trem de carga. Mas a transição de amigos para algo a mais com ele foi tão suave quanto a blusa de lã de Reese que estou tocando. Passo o tempo todo atento. Conheço os riscos de ser gay assumido em uma cidade pequena, mas agora ninguém nos segura. Quem nos confrontaria? Com a paixão de Gabe, a habilidade retórica de Sal, o talento puro de Reese e minha capacidade de bancar o guarda-costas, somos intocáveis.

Já treino musculação de três a quatro vezes por semana depois da escola, para estar em forma na temporada de beisebol. Os testes e treinos demoram para começar, mas para um atleta de alto nível como eu, a temporada nunca acaba.

— Olhe lá, é seu pai — diz Reese. — Esqueci que ele sempre vem ao jogo de reencontro.

Dou uma risada.

— Ele não perderia por nada. É como um reencontro da turma da escola todos os anos.

Procuro pela multidão e encontro meu pai conversando com o treinador Lee.

— Ele está conversando com o treinador — digo. — É melhor eu interromper antes que papai me inscreva em mais atividades ou alguma coisa assim.

— Pelo amor de Deus! — implora Reese. — O beisebol já está ocupando todo seu tempo livre, e a temporada ainda não está nem perto.

Dou-lhe outro beijo, desço da arquibancada e vou até a pista de cascalho que circunda o campo de futebol. Uma explosão de aplausos se eleva antes que eu possa dizer oi. Todo mundo olha; pela comemoração no campo e pelo fato de a banda estar tocando o grito de guerra repetidamente, acho que acabamos de marcar.

Depois que a comoção diminui, aperto a mão do treinador Lee.

— Oi, treinador — digo.

— Heath, estávamos falando de você — diz papai.

— Espero que só coisas boas — digo, porque parece algo que se tem que falar quando alguém diz que está conversando sobre a gente.

É uma fala típica de adultos, mas que não significa nada. Quando o rosto do treinador se ilumina, porém, vejo que respondi corretamente.

— Claro! Eu estava falando com seu pai sobre seu progresso fora da temporada. Ouvi dizer que você tem se esforçado muito nas gaiolas de rebatidas e contei a seu pai que você foi o único a comparecer em *todas* as aulas de musculação do técnico-assistente Roberts. É sorte da Vanderbilt por ter você.

Fico vermelho.

— Olha, ainda falta muito.

Papai coloca a mão em meu ombro.

— Não seja tão modesto. Você se esforçou muito, estou bem orgulhoso.

— Nós também — diz o treinador. — Bom, vou indo. A fila na lanchonete diminui e preciso de um cachorro-quente agora mesmo. Vejo vocês em breve.

Enquanto ele se afasta, papai dá um leve aperto em meu ombro. Eu o encaro e sorrio, mas ele está olhando para um grupo de ex-alunos dele, mais velhos.

— Você se importaria de dar um oi para uns amigos meus do beisebol? — pergunta papai, com um brilho de esperança nos olhos; e completa em voz baixa.

— Ando evitando eles porque sei que vão perguntar da sua mãe. Mas se você for comigo, talvez eles mudem um pouco o foco. Sabe como é, todos acham que Gracemont tem um futuro jogador da liga principal nas mãos pela primeira vez na história da escola.

Coro. Por alguma razão, o primeiro pensamento que me vem à mente é se já houve algum jogador de beisebol abertamente gay na MLB; mas antes que minha cabeça siga por esse caminho, meu pai já está me levando até seus amigos.

Conheço todos, claro. Alguns ficaram por aqui depois do ensino médio, outros se mudaram, mas fazem questão de voltar todos os anos. Mas graças à linguagem comum do beisebol, tenho sido o principal tema de conversa nos últimos três anos.

“Qual foi mesmo sua média de rebatidas no ano passado?” (385)

“Eu sabia que um dia você seria um grande jogador. Sabe o que dizem sobre arremessadores destros que rebatem com a esquerda, não é? (Sim, rebater com a mão não dominante me dá uma alavancagem melhor, o que significa que estou perto de ter a melhor média de rebatidas.)

“Vanderbilt não foi muito bem contra o Tennessee na última temporada, né?” (Não mesmo.)

Respondo a todas as perguntas da melhor forma que posso, e cada vez que olho para ele, meu pai está com um enorme sorriso. Felizmente, ele nunca foi muito exigente como pai de atleta, mas quando o sinto apertar um pouco mais forte meu ombro, começo a suar de ansiedade em volta do pescoço.

— E aí? — pergunta Reese, e sinto meu corpo se derreter quando ouço sua voz. — Os rapazes estão acabando com a sua batata, achei melhor avisar. Olá, sr. Shepard!

— Ah, pessoal, este é Reese, o namorado de Heath — diz papai, e se volta para mim e acena para que eu volte para as arquibancadas. — É melhor você voltar antes que roubem suas batatas.

Os amigos de papai riem, eu me despeço e volto com Reese.

— Achei que você estava precisando de um resgate — diz Reese. — Muito papo sobre beisebol?

Respiro fundo e o puxo para perto de mim enquanto expiro.

— Vai ser um longo, longo ano.



SAL

Nunca fui fã desse momento de volta às aulas. É um evento sempre cheio de ex-alunos de várias idades, mas com exatamente o mesmo alto nível de embriaguez. Pelo que ouvi dizer, a associação de ex-alunos (parece algo oficial, mas é só um grupo de coroas no Facebook) dá uma festa regada à cerveja em uma fazenda perto de onde Heath morava, e convidam todos os ex-alunos da Gracemont High.

A cereja do bolo do fim de semana para os alunos atuais, porém, é o baile, no sábado. Não vou a um desses desde o primeiro ano, quando nós quatro entramos no ginásio da escola, dançamos sem entusiasmo as oitocentas músicas de Bruno Mars da *playlist* do DJ e juramos a nós mesmos que nunca mais iríamos.

Substituímos o baile por nossas próprias tradições: uma grande fogueira na casa de Heath com nossa própria *playlist*, uma maratona de filmes, *qualquer coisa* que nos afastasse do ginásio. Juramos que nunca mais voltaríamos lá.

Infelizmente, metade de nós voltou, por necessidade. Reese e eu entramos juntos no baile.

— Eu me sinto um espião — diz Reese, baixando os óculos escuros.

Dou de ombros.

— Mas *somos* espiões.

O conselho estudantil planeja todos os nossos bailes, mesmo sendo o presidente, não posso me meter na organização do baile de volta às aulas. Tem que ser realizado no ginásio da escola; usamos o mesmo DJ e o mesmo fotógrafo nas últimas duas décadas; a única coisa que podemos escolher é o tema.

Deixamos que os calouros cuidem do planejamento, e o tema deste ano é – por algum motivo desconhecido – “Nascido nos EUA”.

Passamos por baixo dos balões e serpentinas vermelhos, brancos e azuis; Reese faz anotações sobre a decoração, as bebidas, a comida, a música, tudo. Como ele e eu somos os líderes do planejamento do baile de formatura, queremos evitar coisas que deem vergonha alheia demais. Portanto, estamos aqui em missão de reconhecimento.

— Não quero julgar, mas está difícil — digo, o que faz Reese rir.

— Comigo você pode julgar — diz Reese. — Mas temos que estar aqui, já que vamos dar um baile incrível este ano. Precisamos ver essas escolhas e fazer o oposto, para que nosso baile seja o melhor que esta escola já viu.

— Pelo menos, não dá para ser pior. Lembra o primeiro ano, quando alugaram aquele barco no lago Erie e todo mundo ficou enjoado?

— Claro que lembro! Mas, sem dúvida, podemos fazer melhor que isto — diz Reese, indicando os arredores. — Afinal, fiz curso de design em Paris e você foi a eventos chiques na capital com o senador.

Sentamo-nos nas arquibancadas na lateral do ginásio. Somos os únicos sentados — além dos dois calouros se agarrando lá no alto.

— Que amorismo! — digo a Reese, apontando para os calouros. — Gabe e eu sabíamos que tínhamos que nos agarrar *embaixo* das arquibancadas, onde ninguém fosse ver. Ou descer o corredor; eles sempre deixam a sala da banda destrancada.

— Sabe, ano passado, uma frase como essa teria me deixado com muito ciúmes — diz ele, dando um tapinha no peito. — Mas eu cresci.

Dou de ombros.

— Desculpe, mas se você tivesse nos contado antes da sua paixão por Heath, Gabe e eu poderíamos ter sido um pouco mais discretos.

— O problema era comigo, não com vocês. Mas agora, posso beijar Heath quando eu quiser, então, tudo bem. Falando nisso, podemos acabar de anotar e voltar para a casa de Gabriel?

Experimentamos as bebidas (ponche de vários sabores, atentamente vigiados por um professor, para garantir que ninguém tente batizá-los) e as comidinhas (bolachas e pretzels sem marca) e anotamos.

Uma voz nos chama:

— Por que estão de óculos escuros aqui dentro?

Quando me viro, vejo Lyla nos olhando com desconfiança, de braços cruzados. Ela coloca uma mecha do cabelo preto e liso atrás da orelha; é uma veterana que está no conselho estudantil conosco, de modo que não vejo problemas em deixá-la participar do plano.

— Estamos fazendo anotações para o baile. Quero chegar à próxima reunião com uma lista completa de tudo que há de errado aqui. Assim, poderemos consertar tudo para nosso baile.

— Você está nessa também? — pergunta ela a Reese.

— Hum... sim. Oi, Lyla.

Ela arranca os cadernos de nossas mãos e os joga no chão, perto da arquibancada.

— O que está fazendo?! — pergunto, corando.

Ela me pega pelo pulso e me puxa para a pista de dança.

— Tentando fazer vocês dois aprenderem a se divertir — diz ela.

Reese e eu vamos para a pista de dança, sob o flash de luzes da cabine do DJ. Sinto a vibração da música sob meus pés e meu corpo começar a se mexer no ritmo. Reese se aproxima arrastando os pés, mas acaba se entregando à música.

Outras pessoas começam a dançar também, a maioria alunos do segundo e do terceiro ano que conhecemos do conselho estudantil. Pelo visto, alguns veteranos vem, sim, a este baile. E a música está ficando melhor. E ninguém mais parece se importar com as comidinhas ou a decoração.

Então, Reese e eu tiramos os óculos escuros e dançamos.



GABRIEL

— Não acredito que eles pagaram vinte dólares para ficar no baile uns quinze minutos — diz Heath, e eu dou uma risada.

— Eu me diverti no primeiro ano — digo —, mas você sabe que eu nunca recuso uma fogueira.

— Eu também! — diz Heath, batendo no joelho. — Nunca entendi a razão de tanto alvoroço. Tudo bem que com aquela *playlist* do Bruno Mars parecia que estávamos em uma parada do orgulho hétero, mas nós quatro conseguimos nos divertir em qualquer lugar.

Olho para meu celular.

— Por que os rapazes não mandaram mensagem? Achei que fossem nos contar tudo de ruim que achassem lá.

— Reese me mandou uma mensagem, mas só disse “alguma coisa nesse tema ‘Nascido nos EUA’ parece meio racista, mas não consigo identificar o que é”.

— Faz sentido — digo. — Que pena que não pudemos fazer isto na sua casa antiga, Heath. Minha fogueirinha nem se compara com as suas.

Heath sorri; mas a luz do fogo reflete em seu rosto da maneira certa e vejo uma pontinha de tristeza. Claro que ele está triste; está preso em um apartamento pequeno se adaptando à vida sem a mãe. Ele adorava dar festas e fazer fogueiras, e agora, é como uma chama abafada.

Mas ele bate papo comigo enquanto estamos sentados perto do fogo, esperando que os outros dois terminem a missão de espionagem.

— Como está indo com seu pai? — pergunto, meio que interrompendo sua conversa fiada sobre seu projeto de iluminação avançada.

— Ah, está indo tudo bem — diz, arrastando nervosamente os pés descalços na grama. — Melhor do que eu imaginava, na real. Claro, sinto falta do espaço, mas já estou começando a me acostumar. Papai colocou umas prateleiras suspensas para os meus troféus e coisas acadêmicas; colocamos em porta-retratos fotos da família, minhas com minha prima Diana, e de todos nós, e espalhamos pelo apartamento.

Ele suspira, olhando para meu pobre projeto de fogueira.

— Não é o mesmo, claro, mas já é alguma coisa.

— Coloco outro pedaço de lenha? — pergunto.

Mas o celular de Heath toca. É Reese, então ele atende.

Reese é quem fala mais, como fica claro por todos os “A-ham” e “Hmmm” e “Uau” com que Heath responde. Presumo que ele esteja a caminho. Mas se fosse esse o caso, por que ele simplesmente não mandaria uma mensagem?

Depois de alguns minutos excruciantes, ele desliga.

— Não precisa pôr mais lenha no fogo — diz ele, rindo. — Acho que vamos dançar.

. . .

Heath e eu entramos pela porta dos fundos do ginásio, que Sal segura enquanto Reese, ansioso, fica vigiando. Assim que entramos, respiramos aliviados.

— Desculpa a demora — diz Heath. — Gabriel teve que passar a calça.

Reese ri.

— Ninguém aqui liga para o atraso, mas obrigado pelo esforço.

Vamos para a pista de dança; vou escrutando a multidão em busca de rostos familiares. Claro que em uma escola pequena como a nossa, todos os rostos são familiares. Aceno para Cassie, uma menina do primeiro ano que é uma das únicas participantes do Grupo de Defesa dos Direitos LGBTQIA+ que criei. Cassie me pede para dançar com ela depois e concordo rapidamente enquanto ela volta para a mesa de bebidas.

Vejo Heath e Reese pertinho um do outro, dançando devagar, dois para lá, dois para cá, com sorrisos brilhantes no rosto. Já se passaram alguns meses, mas meu coração ainda se derrete por eles.

— Quer dançar? — pergunta Sal, e quando olho para ele, confuso, diz: — Dança normal, não aquilo que aqueles dois estão fazendo.

Rio, e passamos as músicas seguintes arrastando os pés de um lado para o outro. Música vem e música vai, e cada uma é um sucesso absoluto – obviamente, julgamos mal o DJ durante nosso primeiro ano. A música seguinte começa devagar, e imediatamente reconheço o ritmo mais lento.

Foda-se, penso. Olho para Sal e sinto aquela familiaridade que me sugou durante anos e que quase arruinou meu relacionamento com Matt antes mesmo de começar oficialmente.

Mas Sal sorri, e isso me conforta. Ele pega minha mão e coloca o braço em meu ombro, casual e sem esforço.

— Se achar muito estranho, podemos parar — diz ele.

Sacudo a cabeça.

— Não é estranho. Precisamos trabalhar nesse negócio de ser só amigos.

— Não se preocupe, não vou tentar nada, prometo. Sei que você preferiria que Matt estivesse aqui.

— Talvez ele consiga vir para o baile — digo, meio animado com a ideia. — Sei que ele adoraria ver todos vocês.

— Até eu?

Sorriso.

— Sim. Ele sabe que você estava passando por um momento difícil.

O ritmo acelera de novo, nesse meio-termo estranho em que a gente tem que decidir se dança devagar uma música rápida ou rápido uma música lenta. Ele solta minha mão e minha cintura, mas continuamos arrastando os pés, um ao lado do outro.

— Ele é muito fofo! — diz Sal. — Tipo, muito mesmo. Que inferno, sabe, como foi que você conseguiu alguém assim?

— Que *inferno*? — digo, debochando de sua absoluta incapacidade de dizer palavras que foi inculcada nele pela mãe. — Sinceramente, não sei. Acho que só segui seu conselho e me arrisquei.

— Você vai arrasar na faculdade.

— E você vai arrasar na... no que quer que acabe fazendo.

Heath entra na conversa.

— Adoro essa música! Reese a colocou em uma das *playlists* de festa que ele tem.

Vemos isso como um convite para abrir o círculo e incluir Reese e Heath, e dançamos os quatro juntos.

— Gente, eu amo vocês! — diz Heath.

Sal se vira para mim e diz:

— Ele andou bebendo?

— Ele me trouxe de carro até aqui, então espero que não — respondo.

— Qual é! Não preciso de álcool para curtir um baile. — Ele aponta para a mesa de bebidas. — Já experimentaram o ponche? E os pretzels? Perfeitos.

— Acho que ele está zoando — diz Reese —, mas dá para ter certeza.

Heath revira os olhos.

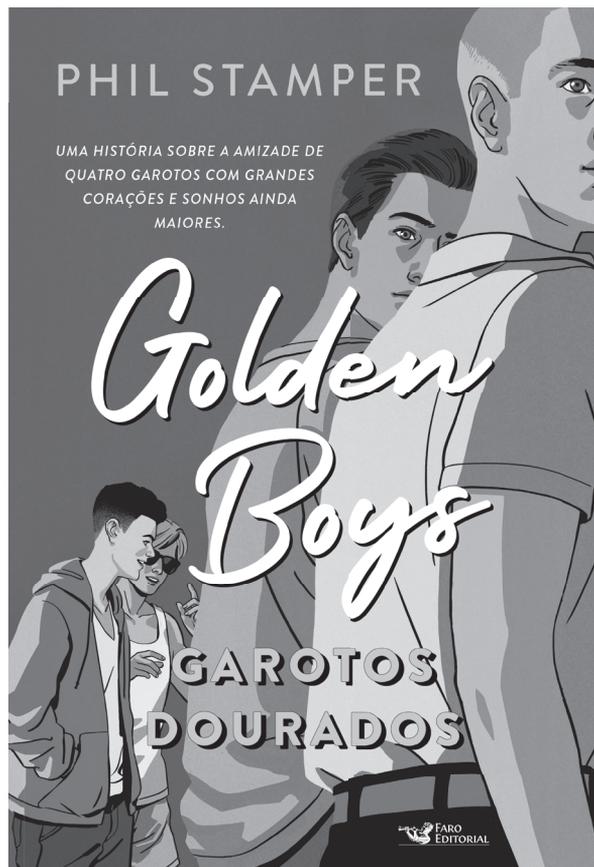
— Só estou dizendo que ninguém dá a mínima para essas coisas. Olha, todo mundo está se divertindo só pela companhia. Podemos ir à Waffle House depois daqui?

— Tem certeza de que ele não bebeu nada? — insiste Sal.

Suspiro.

— Cale a boca e dance!

LEIA TAMBÉM:



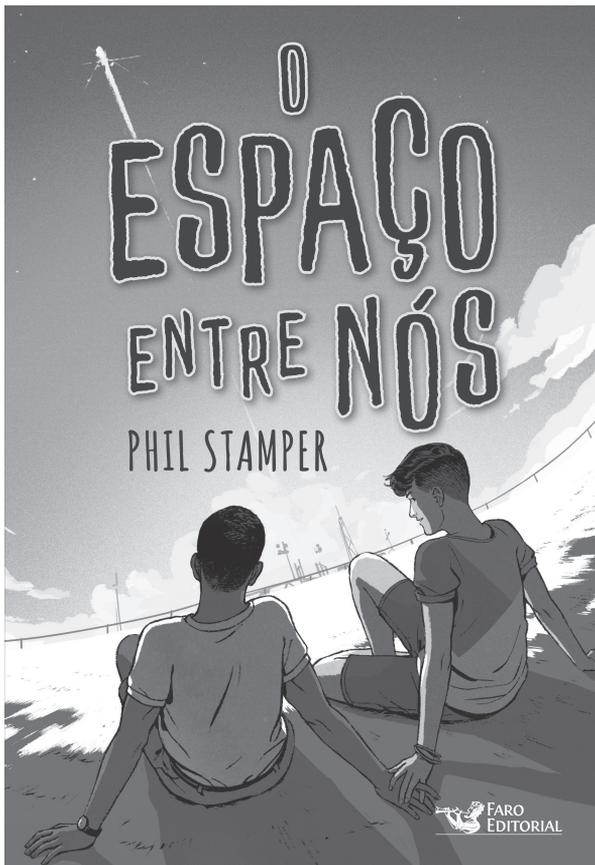
PHIL STAMPER

**ATÉ ONDE
VOCÊ ME
LEVAR**

FARO
EDITORIAL

O ESPAÇO ENTRE NÓS

PHIL STAMPER



WIBKE BRUEGGEMANN

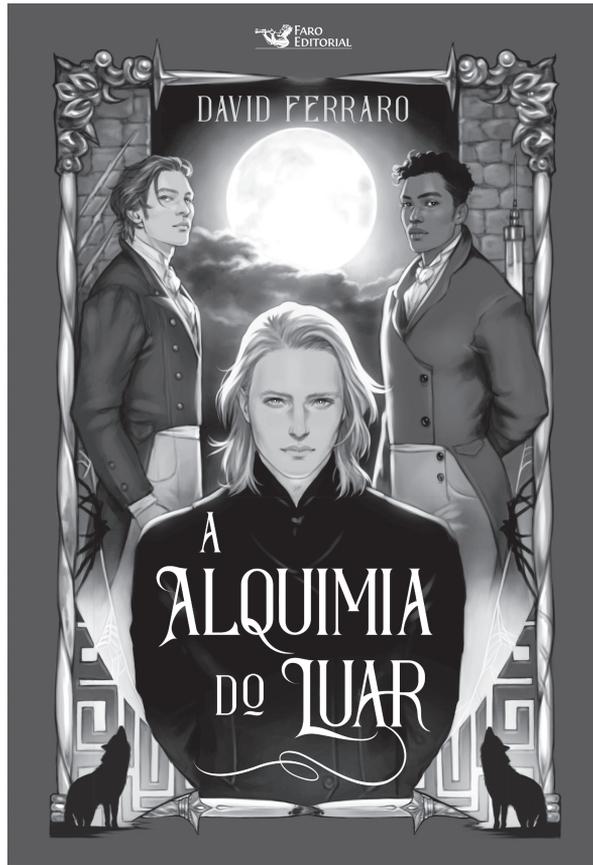
A VINGANÇA do CUPIDO



FARO
EDITORIAL

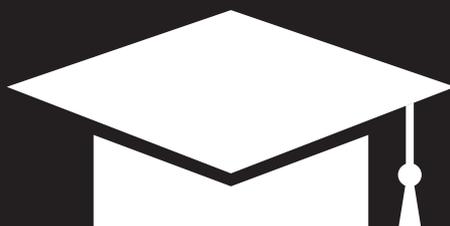
DAVID FERRARO

A
ALQUIMIA
DO LUAR



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



CAMPANHA



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM FEVEREIRO DE 2024